



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

A REPRESENTAÇÃO DA FIGURA DO AMOR EM *VITA NUOVA*

Marcela do Espírito Santo Gomes

Rio de Janeiro
2019

MARCELA DO ESPÍRITO SANTO GOMES

A REPRESENTAÇÃO DA FIGURA DO AMOR EM *VITA NUOVA*

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel/Licenciado em Letras na habilitação Português/ Italiano.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª.Sonia Cristina Reis

RIO DE JANEIRO

2019

FOLHA DE AVALIAÇÃO

MARCELA DO
ESPÍRITO SANTO
GOMES DRE: 114179422

TÍTULO DO TRABALHO: A REPRESENTAÇÃO DA FIGURA DO
AMOR EM *VITA NUOVA*

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel/Licenciado em Letras na habilitação Português/ Italiano.

Data de avaliação: ____/____/____

Banca Examinadora:

NOTA: _____

Sonia Cristina Reis – Presidente da Banca
Examinadora Prof^a. Dr^a. da Faculdade de
Letras da UFRJ

NOTA: _____

Nome completo do Leitor Crítico
Prof. Dr. da Faculdade de Letras da
UFRJ

MÉDIA: _____

Assinaturas dos avaliadores: _____

CIP - Catalogação na Publicação

G633r Gomes, Marcela
A representação da figura do amor em Vita Nuova /
Marcela Gomes. -- Rio de Janeiro, 2019.
34 f.

Orientadora: Sonia Reis.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português -
Italiano, 2019.

1. Dante Alighieri. 2. Vita Nuova. 3. Amor. 4.
Amor cortês. I. Reis, Sonia, orient. II. Título.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o tema do amor presente na *Vita Nuova*, primeiro livro escrito por Dante Alighieri e considerado o primeiro livro da literatura italiana. A obra, composta por poemas e textos em prosa, narra o amor do poeta por Beatriz, que até hoje tem a sua identidade desconhecida, ao mesmo tempo que apresenta a evolução deste sentimento de um amor terreno e humano para um amor divino. Esta pesquisa tem o objetivo de abordar a representação da figura do amor feita por Dante durante toda a narração presente na sua obra *Vita Nuova* e, para isso, foi, primeiramente, feito um percurso histórico da literatura que aborda o tema do amor desde a Antiguidade Clássica até os tempos de Dante e, a partir desse contexto, foram observadas as ideias filosóficas, literárias e teológicas sobre o amor que influenciaram a escrita e a formação do conceito de amor do poeta representadas na obra, e que, também, acabam por influenciar a evolução de um sentimento amoroso humano e terreno para um sentimento amoroso divino por Beatriz e de Dante como poeta que superou os movimentos literários contemporâneos a ele, o amor cortês e o *dolce stil nuovo*, e criou uma narrativa única.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
DANTE E A <i>VITA NUOVA</i>	9
A VIDA DE DANTE	9
A VITA NUOVA	12
A FIGURA DO AMOR EM <i>VITA NUOVA</i>	17
A HISTÓRIA DO AMOR	17
A FIGURA DO AMOR EM <i>VITA NUOVA</i>	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa de monografia busca abordar o tema do amor na Idade Média, mais especificamente problematizar a figura do amor e a sua representação na obra *Vita Nuova*, evidenciando as diferentes ideias de diferentes épocas e lugares que Dante absorveu para formar a sua ideia do amor e, para além disso, contextualizar como a história do amor foi formada no Ocidente e como este tema influenciou a formação da literatura.

Ademais, a presente monografia busca, também, trazer informações sobre a vida de Dante e como determinados fatos o influenciaram a escrever o livro *Vita Nuova*. Para a discussão presente nesta pesquisa, foram usadas as obras *Por que ler Dante* de Eduardo Sterzi, *Storia della Letteratura Italiana* de Francesco de Sanctis, *Dante poeta do mundo secular* de Erich Auerbach e *História da Literatura Ocidental* de Otto Maria Carpeaux, *A dupla chama: amor e erotismo* de Octavio Paz, *História do Amor no Ocidente* de Denis de Rougemont, *Reflexões sobre o Amor na 'Vita Nuova' de Dante Alighieri* de Celestina Maria Gomes e Silva, *Amore e le visioni nella Vita Nuova* de Marcherita de Bonfils Templer, *Matrimônio Perfeito* de Samael Aun Weor, *História das lendas* de Jean-Pierre Bayard, *Inovações na poesia árabe: o zejel e sua influência na lírica trovadoresca medieval* de Naiá Aiello, *A Mística Islâmica em 'Terroë Brasilis: o Sufismo e as Ordens Sufis em São Paulo* de Mário Alves da Silva Filho, *Consiglio del capitano del popolo, Consiglio dei Cento e Priorato* de Guido Pampaloni na Enciclopédia Dantesca do Treccani e *Commedia e Grecia* na enciclopédia Treccani.

É comprovado historicamente a grande importância de Dante Alighieri (1265-1321), poeta, político e intelectual, para o desenvolvimento e modernidade da literatura ocidental. Fato é o legado de textos poéticos deixado pelo poeta. A obra que consagrou Dante como um poeta célebre foi a *Divina Commedia* (1304-1321) que é dividida em três partes: *Inferno*, *Purgatorio* e *Paradiso*, na qual o poeta narra sua passagem por esses três ambientes. Apesar da *Commedia* ser a sua produção mais conhecida e consagrada, Dante escreveu outras obras tão importantes quanto esta obra prima como *De Vulgari Eloquentia* (1302-1305), *Convivio* (1304-1307) e *Vita Nuova* (1292-1293).

Impossível para uma monografia apresentar a herança literária dantesca, dada ao fato de ser uma numerosa produção, mas também por ser complexa demais devido aos vários campos da história, filosofia e da filologia medievais. Por isso, para a presente monografia, o

recorte proposto para o estudo foi tratar do tema do amor no Livro *Vita Nuova*, escrita provavelmente entre 1292 e 1293.

A obra foi o primeiro livro escrito por Dante e considerado o primeiro livro da literatura italiana. No livro, o poeta narra o sentimento amoroso que sentia por Beatriz, que não se sabe ao certo quem foi ou se existiu, e, com base nessa narração mescla elementos modernos com os tradicionais de sua época. Dessa maneira, Dante escreve a *Vita Nuova* combinando poemas e textos em prosa autobiográficos, uma novidade na literatura do Ocidente para aqueles anos e, em língua vernácula, o que o classifica como o primeiro livro da literatura moderna.

Essas questões que se ligam ao tema de estudo, na presente monografia, serão apresentadas em dois capítulos cada um com duas seções, respectivamente. Assim, o segundo capítulo desta monografia aborda, em um primeiro momento, como foi a vida de Dante desde o seu nascimento, passando pela sua formação como poeta e intelectual e a sua carreira política, até a sua morte. A obra *Vita Nuova*, escolhida como objeto de estudo desta pesquisa, vem abordada na segunda parte deste capítulo, as suas características, o motivo do jovem Dante ter iniciado a sua escrita e porque desta ser considerada uma das obras mais importantes para a literatura do Ocidente. Os livros que foram usados para a discussão apresentada no primeiro capítulo são *Vita Nuova* de Dante Alighieri, *Por que ler Dante* de Eduardo Sterzi, *Storia della Letteratura Italiana* de Francesco de Sanctis, *Reflexões sobre o Amor na 'Vita Nuova' de Dante Alighieri* de Celestina Maria Gomes e Silva, *Dante poeta do mundo secular* de Erich Auerbach e *História da Literatura Ocidental* de Otto Maria Carpeaux, *Consiglio del capitano del popolo, Consiglio dei Cento e Priorato* de Guido Pampaloni na Enciclopédia Dantesca do Treccani.

Na primeira parte do terceiro capítulo, o amor é abordado em um contexto histórico, o modo como era visto e tratado na sociedade medieval que influenciou uma geração de poetas, inclusive Dante. A segunda parte aborda o tema deste trabalho, *A representação da figura do amor na Vita Nuova*, e apresenta as várias abordagens utilizadas por Dante para representar e narrar o sentimento amoroso que sentia por Beatriz com base no contexto histórico do amor, abordado na primeira parte deste capítulo. Os livros que foram usados para abordar o tema presente neste capítulo são *A dupla chama: amor e erotismo* de Octavio Paz, *História do Amor no Ocidente* de Denis de Rougemont, *Reflexões sobre o Amor na 'Vita Nuova' de Dante Alighieri* de Celestina Maria Gomes e Silva, *Amore e le visioni nella Vita Nuova* de

Marcherita de Bonfils Templer, *Dante poeta do mundo secular* de Erich Auerbach, *Matrimônio Perfeito* de Samael Aun Weor, *História das lendas* de Jean-Pierre Bayard, *História da Literatura Ocidental* de Otto Maria Carpeaux, *Inovações na poesia árabe: o zejel e sua influência na lírica trovadoresca medieval* de Naiá Aiello, *A Mística Islâmica em 'Terræ Brasilis: o Sufismo e as Ordens Sufis em São Paulo* de Mário Alves da Silva Filho *Commedia e Grecia* na enciclopédia Treccani.

2. DANTE E A VITA NUOVA

O presente capítulo tem como objetivo abordar e apresentar, através do recorte da literatura, a vida do poeta Dante Alighieri e a construção do primeiro livro da literatura moderna *Vita Nuova*. Com este propósito, para tratar a vida do poeta e a sociedade na qual ele vivia, foram usadas as obras *Por que ler Dante* de Eduardo Sterzi, *Reflexões sobre o Amor na 'Vita Nuova' de Dante Alighieri* de Celestina Maria Gomes e Silva e *Dante poeta do mundo secular* de Erich Auerbach, e, para abordar a obra *Vita Nuova*, foram usadas, além das citadas acima, as obras *Storia della Letteratura Italiana* de Francesco de Sanctis e *História da Literatura Ocidental* de Otto Maria Carpeaux e outros materiais citados na referência bibliográfica.

2.1 – A VIDA DE DANTE

Dante nasceu em Florença e em uma época que a cidade era considerada uma das mais importantes cidades da Europa na época medieval e, até os dias de hoje, os estudiosos do poeta não conseguiram precisar o dia de seu nascimento. O que se tem de mais aproximado a esta data está presente em uma passagem do canto XXII do *Paradiso*, na qual Dante afirma que nasceu sobre o signo de gêmeos. A única data exata que se tem conhecimento é a do batizado do poeta que ocorreu no dia 26 de março de 1266.

A infância de Dante é desconhecida e não se sabe ao certo sobre sua mãe que, de acordo com os estudiosos, morreu quando o poeta ainda era criança, porém se tem conhecimento da linhagem paterna de Dante: seu pai foi Alighiero Alighieri ou Alighiero II e, através da *Commedia*, se descobre que o trisavô do poeta foi Cacciaguیدا que aparece em três cantos do *Paradiso*, cantos XV ao XVII, nos quais Dante narra o seu encontro com ele. De acordo com Giorgio Petrocchi, citado por Sterzi (2008, p. 35), o avô paterno do poeta foi Bellincione Alighieri que foi de grande importância para a poesia de Dante, já que é muito provável que o seu avô foi a fonte de seu conhecimento histórico.

O episódio que marcou a entrada do Dante no mundo poético e a sua descoberta como poeta foi o seu primeiro encontro com Beatriz aos nove anos de idade. Neste encontro, o poeta teve a revelação do Amor e, nove anos depois, em seu segundo encontro com Beatriz, Dante teve a revelação da Poesia. Esses acontecimentos fizeram o poeta escrever a obra chamada *Vita Nuova*, no qual se encontram mesclados textos em prosa e poemas autobiográficos que descrevem o amor que Dante sentiu por Beatriz.

Depois de passados alguns anos do primeiro encontro entre o poeta e Beatriz, realizou-se, no ano de 1277, a contratação do casamento de Dante com Gemma Donati que ocorreu no ano de 1285 e o primeiro filho do casal nasceu no ano de 1287, dois anos depois. Analisando todas as obras de Dante, percebe-se que o poeta não fez nenhuma menção à sua esposa, nem em sentido amoroso. As menções encontradas nas obras eram representadas por Beatriz e algumas outras damas que ficavam em segundo plano, mas nunca a sua esposa. Este fato confirma que a ideia de amor que foi produzida pelo poeta em suas obras ainda estava um pouco ligada ao conceito de amor apresentado pelos trovadores provençais representado pela cultura cavalheiresca e cortesã.

Dante iniciou seus estudos de maneira laica com professores particulares da sua cidade natal, conhecidos como *doctores puerorum*, que lecionavam a gramática latina com textos de poetas clássicos, como Cícero e Virgílio. Além do ensino clássico, o dialeto florentino também foi estudado pelo poeta devido ao surgimento da poesia vernacular. Dante estudou as línguas vernaculares florentina, do francês e do provençal no decorrer de sua juventude e de modo mais aprofundado quando ele ingressou no círculo do mestre Brunetto Latini que “representou [...] para toda a jovem intelectualidade florentina, o ponto de cruzamento entre a literatura clássica latina, retórica e a filosofia medieval e a poesia vernacular francesa” (STERZI, 2008, p. 38). Alguns anos mais tarde, Dante nomeou as línguas vernaculares florentina, do francês e do provençal de língua *d’oil* e língua *d’oc*. A conclusão dos estudos do poeta ocorreu simultaneamente com a escrita da obra *Vita Nuova* que se acredita ter sido no ano de 1294.

Além de ser um poeta e intelectual importante, Dante foi, também um político de grande importância em uma Florença produziu e difundiu uma grande riqueza econômica e patrocinou a explosão cultural que ocorreu antes, durante e depois do poeta. Na política, Florença era dividida entre dois partidos: o partido dos Guelfos, que apoiava o Papa, e o partido dos Gibelinos, que apoiava o Império. No primeiro partido, havia uma fragmentação chamada de partido dos Brancos, composta por burgueses que ascenderam de classe social por meio de atividades comerciais, e o partido dos Negros, composta por parte de uma nobreza que estava em declínio. Apesar de sua família apoiar os Negros, Dante apoiou o partido dos Brancos quando iniciou a sua carreira política.

Sua carreira política teve início entre os dias primeiro de novembro de 1295 e 30 de abril de 1296 entre os Trentasei del Capitano, grupo criado pela instituição do Consiglio del

Capitano, em outubro de 1250, como resultado do movimento de reação contra o governo dos Guibelinos e que criou as bases para a terceira Constituição de Florença que tinha como propósito representar e tornar o povo mais forte contra a nobreza presente nos partidos. No mesmo ano, Dante escreveu algumas canções conhecidas pelas rimas identificadas como pedrosas e começou a fazer parte do Consiglio dei Cento, grupo criado no dia primeiro de outubro de 1289 que passou a ter o controle financeiro da cidade e que auxiliava os seis priori. No dia 7 de maio de 1300, Dante assumiu o cargo de embaixador em San Gimignano; em 13 de junho, o poeta se tornou um dos seis priori que faziam parte do Priorato delle Arti, órgão político-administrativo de Florença criado em 1282, e permaneceu no cargo até o mês de setembro.

Dante se opôs, em 19 de junho do ano de 1301, ao Consiglio dei Cento por não concordar com a decisão da cidade de fortalecer o exército papal em Maremma. Em meio à uma crise política na cidade florentina e como ocupava um dos cargos mais importantes na cidade, Dante determinou, como uma forma de manter a paz, o exílio dos líderes dos dois partidos. Para tentar ajudar e pôr um fim nos conflitos que aconteciam em Florença, o papa Bonifácio VIII enviou o irmão do rei Felipe de França que acabou gerando uma oportunidade para que os Guelfos Negros se apoderassem da cidade e exilassem diversos Guelfos Brancos. No dia 27 de junho de 1302, o poeta foi banido de sua cidade natal pelo período de dois anos sob acusação de oposição ao papa e corrupção. Em um primeiro momento, foi estabelecida uma multa de 5 mil florins caso Dante quisesse regressar a Florença, porém, no dia 10 de março do mesmo ano, foi determinado que caso Dante e outros quatorze exilados tentassem retornar à cidade seria decretada a pena de morte. Por conta disso, o poeta acaba tornando-se conselheiro político de várias cortes e foi na corte de Ravena que Dante acabou permanecendo. O *podestà* da cidade, Guido Novello, incumbiu-se do reencontro do poeta com a sua família e o sustento desta. Graças às visitas contínuas que os amigos e discípulos faziam a Dante na corte de Ravena, a obra do poeta começou a ser reconhecida em toda a península itálica.

No ano de 1315, a cidade de Florença, que no momento estava sendo atacada pelo líder do partido dos Gibelinos, fez uma proposta a Dante que caso ele quisesse retornar à cidade ele teria que pagar uma multa, menor que a primeira estabelecida, contudo o poeta decidiu não retornar e continuar no exílio para não se responsabilizar por algo que não tinha feito. Mesmo depois de morto, Dante não retornou a Florença, pois a corte de Ravena se recusou a restituir os restos mortais do poeta à sua cidade natal. Como uma homenagem à

figura de Dante, a cidade florentina construiu um túmulo, que se encontra vazio, em Santa Croce, junto com túmulos de outros florentinos importantes e, na pedra, estão gravadas as palavras que Dante usou, na *Commedia*, para saudar Virgílio “Onorate l’altissimo poeta” (DANTE, apud STERZI, 2008, p. 42).

Depois de passados mais de cinquenta anos da morte de Dante, no ano de 1373, a administração da cidade de Florença contratou o poeta Giovanni Boccaccio para ler e comentar, publicamente, a *Divina Commedia* e que inaugurou as aulas com explicações de cada canto do poema que são conhecidas como *lecturae dantis*, tradição que perdura até os dias de hoje.

Durante sua vida, Dante tornou-se um pensador e político muito importante para a sua época e um dos poetas mais importantes para a época medieval e para a criação da literatura moderna tal qual a conhecemos e suas obras continuam influenciando outras formas de arte e sendo objeto de estudo até hoje. Com a sua principal obra, *La Divina Commedia*, Dante chegou ao ápice como poeta, porém foi com o seu primeiro livro, e, também, primeiro livro da literatura italiana e moderna, que Dante descobriu-se poeta e evoluiu como tal. Essa obra, que recebeu o nome de *Vita Nuova*, que será objeto de análise da próxima seção.

2.2 – A VITA NUOVA

No ano de 1291, Dante reuniu alguns poemas escritos em 1283 e, com eles, criou uma narrativa em prosa e uma autobiografia “mítico-poética” (STERZI, 2008, p. 61) dando origem à obra que foi chamada de *Vita Nuova*. Essa autobiografia inicia-se com o primeiro encontro entre o poeta e Beatriz, quando ambos tinham nove anos de idade, no qual Dante se descobre como poeta e, por conta disso, começa a construir-se como tal e, é onde também, tem a revelação do Amor que o influencia na vida e na criação de suas obras; e no segundo encontro, nove anos depois, Dante tem a revelação da Poesia. Esses momentos são narrados pelo poeta na obra, respectivamente, nos capítulos I e III.

A obra *Vita Nuova* é composta por uma balada, cinco canções e vinte e cinco sonetos. Apesar de ser reconhecida por Dante como uma forma mais elevada de fazer poesia e de ser consagrada pelos trovadores, a canção é realizada menos vezes para dar lugar ao soneto, uma nova forma literária que surgiu devido a algumas mudanças que o trovadorismo acabou

sofrendo. O movimento literário do trovadorismo nasceu na região de Occitânia e serviu de base para a formação da produção lírica da Europa até meados do século XIX e consistia na narração do amor do poeta por uma dama que muitas vezes era inalcançável. Simultaneamente à literatura trovadoresca, ocorreram conflitos religiosos entre seitas e uma delas foi o catarismo, que será abordado mais à frente no capítulo 3, que acreditava em um dualismo entre o Bem e o Mal e entre o mundo espiritual criado por Deus e o criado por Satanás. Os nobres patrocinaram as cruzadas contra os cátaros que acarretou na destruição do trovadorismo no seu lugar de origem. Por conta disso, o movimento propagou-se para outros lugares e os idiomas locais substituíram o occitano, chamada por Dante de língua *d'oc*, e o trovadorismo acabou sofrendo algumas transformações. Uma dessas mudanças foi o surgimento do soneto, criado por Giacomo da Lentini, que substituiu as canções e que até o momento era preferência entre os poetas trovadorescos.

Apesar de ser considerada uma autobiografia, os poemas da *Vita Nuova* não apresentam a vida de Dante, mas sim o seu sentimento amoroso por Beatriz e, quando não o fazia, os poemas foram dedicados a outras damas e serviram ao poeta como um exercício literário. O tema principal dos poemas é o amor que, durante toda a obra, aparece de formas diversas, pois cada capítulo possui um enfoque específico e a mescla da prosa com a poesia encontrada em todo o livro tem o objetivo de “reunir sob o signo da recordação de um percurso amoroso, matéria de procedência heterogênea” (STERZI, 2008, p. 67).

No decorrer do percurso lírico de Dante, em todos os seus poemas, houve uma evolução da língua italiana. Nota-se, também, um trânsito entre o trovadorismo, tanto o provençal quanto o siciliano, e a abordagem metafísica que era característica dos toscanos, o qual foi nomeado por ele como *dolce stil nuovo* na *Commedia, Purgatorio*, canto XXIV. Esse movimento poético foi difundido do século XIII e ao início do século XIV por vários poetas, entre eles Guido Guinizelli, Guido Cavalcanti, Dante, Petrarca e Boccaccio. A diferença entre a poesia trovadoresca e a poesia do *dolce stil nuovo* é que esta sai do âmbito do amor erótico e eleva o sentimento amoroso e a amada para um âmbito espiritual no qual mescla a filosofia e a teologia. Segundo Francesco de Sanctis:

“Con questo misticismo filosofico si accordava il misticismo religioso, secondo il quale il corpo è vello dello spirito, e la bellezza è la luce della verità, la faccia di Dio, somma intelligenza, contemplazione degli angeli e dei santi. [...] Teologia e filosofia si danno la mano.”¹ (SANCTIS, 1943, p. 52)

¹ “Com este misticismo filosófico se acordava o misticismo religioso, segundo o qual o corpo é velo do espírito, e a beleza é a luz da verdade, a face de Deus, a inteligência mais elevada, contemplação dos anjos e dos santos. [...] Teologia e filosofia dão-se a mão” (tradução nossa).

Encontra-se, no final do livro *Vita Nuova*, uma produção com as características desse movimento, um soneto que Dante escreveu no qual visita Beatriz, depois de sua morte, em um lugar não pertencente ao mundo dos humanos, mas em um outro plano, um plano mais elevado onde sua amada encontra-se em um estado de plenitude que a mente dele, uma mente humana, não consegue compreender.

“Oltre la spera che più larga gira
 passa ’l sospiro ch’ esce del mio core:
 intelligenza nova, che l’ Amore
 piangendo mette in lui, pur su lo tita.
 Quand’ elli è giunto là dove disira,
 vede una donna, che riceve onore,
 e luce sì, che per lo suo splendore
 lo peregrino spirito la mira.
 Vedela tal, che quando ’l mi ridice,
 io no lo intendo, sì parla sottile
 al cor dolente, che lo fa parlare.
 So io che parla di quella gentile,
 però che spesso ricorda Beatrice,

sì ch’io lo ’ntendo ben, donne mie care.”² (ALIGHIERI, 2010, cap. XLI, p. 124 e 126)

Os poetas do amor cortês, em seus poemas, buscam esconder o sentimento amoroso, aparentar amar uma outra dama com o objetivo de preservar e manter em segredo a identidade da sua amada, personificar o amor e temem a rejeição, e a *Vita Nuova* é uma obra na qual Dante traz as características da lírica trovadoresca de forma proposital e as supera.

“Nove fiata già appresso lo mio nascimento era tornato lo cielo de la luce quasi a uno medesimo punto, quanto a la sua propria girazione, quando a li miei occhi apparve prima la gloriosa donna de la mia mente, la quale fu chiamata da molti Beatrice [...]”³ (ALIGHIERI, 2010, cap. II, p. 19)

“Un giorno avvenne che questa gentilissima sedea in parte ove s’udiano parole de la regina de la gloria, ed io era in luogo dal quale vedea la mia beatitudine: e nel mezzo di lei e di me per la retta linea sedea una gentile donna di molto piacevole aspetto, la quale mi mirava spesse volte, maravigliandosi del mio sguardare, che pareva che sopra lei terminasse. [...] e nominandola, io intesi che dicea di colei che mezzo era stata ne la linea retta che movea da la gentilissima Beatrice e terminava ne li occhi miei. Allora mi confortai molto, assicurandomi che lo mio secreto non era comunicato lo giorno altrui per

² “Além da esfera que mais larga gira/passa o suspiro que sai do meu cor:/inteligência nova, que o Amor/chorando nele mete, acima o tira./Quando ele chega lá aonde aspira,/vê uma dama que recebe honor,/e tanto luz, que pelo seu esplendor/o peregrino espírito a mira./E vê-a tal, que quando me o rediz,/ não o entendo, tão fala subtil/ ao cor dolente, que o faz falar./Sei eu que fala dessa mui gentil,/porque muito recorda Beatriz./caras mias damas, sei bem atentar.” (tradução de Jorge Vaz de Carvalho).

³ “Nove vezes já, depois do meu nascimento, tinha voltado o céu da luz quase a um mesmo ponto, quanto à sua própria revolução, quando aos meus olhos o primeiro apareceu a gloriosa dona da minha mente, a qual foi chamada por muitos Beatriz” (tradução de Jorge Vaz de Carvalho).

mia vista. E mantene pensai di fare di questa gentile donna schermo de la veritate;”⁴ (ALIGHIERI, 2010, cap. V, p. 24 e 26)

A obra *Vita Nuova* é considerada o primeiro livro da literatura italiana e o primeiro livro da literatura moderna, pois é toda escrita em vulgar florentino. O livro possui características raras e particulares, pois mescla poemas e textos em prosa “sem que a redação de ambos se dê num único momento, em alternância contínua e coordenada dos planos poéticos e prosaicos” (STERZI, 2008, p. 73) que faz deste o primeiro *prosimetrum* ocidental e, devido a isto, a *Vita Nuova* é considerada fundamental para toda a literatura da Europa posterior a Dante. A escrita dessa obra carrega uma modernidade que dificulta a sua colocação em alguma forma ou em algum gênero literário existente. De acordo com Maria Corti, citada por Sterzi (2008, p.73):

“A *Vita Nuova* é um livro de admirável modernidade naquele seu fugir a qualquer definição que diga respeito ao gênero literário; antes, a sua ambiguidade de fundo faz, sim, que frustre todo o nosso plano definitório, quer o queiramos diário, romance autobiográfico, texto simbólico, manifesto de uma nova poética mediante a estrutura do prosímetro, isto é, obra mista de poesia e autocomentário prosaico” (CORTI, 1993, p. 7)

Por mesclar textos em prosa e poesia na sua escrita, a obra *Vita Nuova* coloca esses dois gêneros textuais no mesmo nível, pois a poesia possuía mais prestígio, e outra particularidade presente na obra são os textos em prosa e as poesias serem escritos todos por Dante, diferentemente do que era usual para os cancioneiros medievais. É também com a *Vita Nuova* que o poeta cria uma nova forma de compreender a arte da literatura, já que por não ser reconhecido como trovador acaba requerendo a autoridade do lírico vernacular (sic) (Sterzi).

A nova subjetividade e lírica apresentadas por Dante na *Vita Nuova* foram realizadas por meio de quatro elementos considerados fundamentais e que são tratados pelo poeta na obra: o Amor, a Memória, o Segredo e a Morte. Sem esses quatro elementos a lírica não pode ser considerada de Amor visto que sem um deles essa lírica não pode existir. Cada um desses elementos tem uma função dentro dessa lírica: a Memória tem como função de conservar o sentimento amoroso vivo embora o ser amado não esteja presente; o Segredo tem a função de

⁴ “Um dia sucedeu que esta gentilíssima se sentava em um local onde se ouviam palavras da rainha da glória, e eu estava num lugar do qual via minha beatitude; e no meio entre ela e eu, por linha recta, sentava-se uma gentil dama de muito agradável aspecto, a qual me mirava muitas vezes, maravilhando-se do meu olhar, que parecia que sobre ela terminasse. [...] e nomeando-a, eu entendi que falava daquela que havia estado a meio da linha recta que se movia da gentilíssima Beatriz e terminava nos olhos meus. Então muito me confortei, assegurando-me de que meu segredo não fora comunicado naquele dia a outrem pela minha vista. E subitamente pensei em fazer desta gentil dama resguardo da verdade” (tradução de Jorge Vaz de Carvalho).

proteger o Amor daquelas pessoas que são tidas como invejosas; a Morte tem a função de preservar a distância entre o poeta e a dama amada e, em Dante, tem também a função de romper o fluxo da lírica vernacular de amor (sic) (Sterzi), presente nas produções trovadorescas provençais, o que dá à obra mais uma característica do *dolce stil nuovo*, e que é representada pela morte de Beatriz.

A morte de Beatriz “não implicará [...] o fim do canto, como nos trovadores, mas o seu verdadeiro início” (ANTONELLI, 2003, p. 58, apud STERZI, 2008, p. 80), pois foi através dela, a morte da sua amada, que Dante adentrou no mundo da Filosofia, no qual escreveu as obras *Il Convivio* e *De Vulgari Eloquentia*, levando-o para um caminho de renovação poética e intelectual que teve como resultado a produção da sua obra mais conhecida e aclamada, a *Divina Commedia*.

A *Vita Nuova* é o livro que serve como base para os estudos de poética das literaturas italiana, europeia e da literatura ocidental moderna por conter características nunca antes vistas em alguma obra escrita até aquele momento e apresentando, também, uma lírica de amor diferente daquelas que eram apresentadas pelos trovadores provençais e que eram comuns àquela época. É esta lírica existente na *Vita Nuova* que será objeto de análise deste presente trabalho.

3. A FIGURA DO AMOR EM VITA NUOVA

O presente capítulo tem como objetivo o estudo e a análise da história da literatura do amor no Ocidente e a maneira como os textos dos poetas e dos teólogos a influenciaram para trazer leituras do amor filosófico e a ressignificação da visão do conceito de amor. Também Dante Alighieri abordou o tema do amor na época medieval em sua obra *Vita Nuova*. As principais obras usadas para traçar o percurso histórico da literatura do amor isto foram *A dupla chama: amor e erotismo* de Octavio Paz e *História do Amor no Ocidente* de Denis de Rougemont, e, para abordar o conceito de amor narrado por Dante em sua obra *Vita Nuova*, as principais obras usadas foram *Reflexões sobre o Amor na 'Vita Nuova' de Dante Alighieri* de Celestina Maria Gomes e Silva, *Amore e le visioni nella Vita Nuova* de Marcherita de Bonfils Templer e *Dante poeta do mundo secular* de Erich Auerbach e outros materiais usados neste capítulo citados nas referências bibliográficas.

3.1 – A HISTÓRIA DO AMOR

O amor é o tema mais escolhido para ser abordado em diferentes expressões artísticas, da literatura até às pinturas, e é o sentimento mais presente na vida das pessoas, não importando raça, país ou religião, e se manifesta de diferentes formas, desde o amor de família, amigos ao sentimento amoroso por uma outra pessoa e é deste último que falar-se-á nesta pesquisa. O amor é o sentimento da atração, da identificação com uma única pessoa de um modo muito mais profundo, ultrapassando o desejo físico para desejar a interioridade do ser amado, diferente do erotismo que é o desejo pelo corpo, o desejo carnal. Mesmo possuindo objetos de desejos diferentes, o primeiro não pode existir sem este último, pois é através do erotismo e o ultrapassando que se pode chegar ao sentimento amoroso.

Segundo Octavio Paz, em sua obra *A dupla chama: amor e erotismo*, a ideia do amor era pensada de maneiras diversas no Ocidente e no Oriente. Neste último, o amor tem uma relação direta com a religião e tem origem em uma determinada doutrina e, por causa dessa ligação, não pode ser um sentimento independente, pois está conectado ao destino de determinada pessoa, na sua vida presente e, também, nas suas vidas anteriores. Já a ideia de

amor difundida no Ocidente não apresenta nenhuma ligação com a religião sendo a pessoa, portanto, livre de ser predestinado a alguma coisa ou a alguém pela religião.

A filosofia do amor teve o seu início na Grécia Antiga e o seu primeiro filósofo foi Platão que, também, influenciou na construção da ideia de alma, sem o qual não seria possível a existência da filosofia do amor tal qual a conhecemos hoje. A ideia de alma descrita por Platão apresenta a alma e corpo como duas coisas distintas em uma Grécia Antiga que não via esses dois conceitos de maneira separada, mas sim a alma como uma sombra de acordo com Homero. A alma é um dos conceitos principais que são tratados na filosofia do amor de forma diferenciada na literatura e na filosofia, de acordo, ainda, com épocas e espaços.

Na filosofia platônica, uma das causas da ideia de separação do corpo e da alma, apresentada por Platão na Grécia Antiga, é a reprovação do prazer e o conceito da privação individual em prol da *res publica* como uma forma de alcançar o conceito de *persona*. Essa privação acabou se tornando um desejo constante que é representado por Eros, o criador deste sentimento no homem, chamado de delírio por Platão, para que aquele possa chegar ao ‘divino’, pois o homem não é capaz de criar esse sentimento por si mesmo e em si e, por isso, o sentimento deve ser criado por uma divindade. “[...] o amante está junto do ser amado ‘como no céu’, pois o amor é a vida que ascende por degraus de êxtase para a origem única de tudo que existe” (ROUGEMONT, 2003, p. 80). O Eros impulsiona os amantes para a elevação divina que ocorre através da “negação da vida, a morte do corpo” (ROUGEMONT, 2003, p. 90) que é quando o desejo é realizado.

De acordo com Platão, o amor busca a beleza física por se tratar de um desejo por algo melhor e o sentimento amoroso se manifesta quando encontra a pessoa bela. Mesmo que esse desejo seja algo que esteja presente em todos nós, para cada pessoa existe uma beleza diferente, sendo algo individual, pois é o sentimento do amor que concede a beleza ao objeto amado. Esse desejo universal pode ser manifestado através do amor pela atração que se sente pela beleza humana, porém o amor pode, também, ser manifestado por outras formas, pois o sentimento amoroso é composto por diversos elementos. Um deles é o desejo da felicidade que é almejado por todo homem, sendo o desejo da beleza também uma forma de felicidade.

Outro elemento pertencente ao amor é o desejo da reprodução que pode ser apresentada em duas formas de geração: uma representada pelo corpo e outra representada pela alma. A primeira ocorre quando duas pessoas que tem um sentimento amoroso uma pela outra se unem com o objetivo da reprodução que, segundo Platão, citado por Paz (1999, p.

43), é um ato divino tanto no mundo dos homens quanto no mundo dos animais. A segunda forma acontece quando uma alma produz ideias e sentimentos na alma do ser amado. “Aqueles que ‘são fecundados pela alma’ concebem com o pensamento [...] Um amante, assim, pode motivar o saber, a virtude e a veneração pelo belo, o justo e o bom na alma do amado” (PAZ, 1999, p. 43 e 44).

Do mesmo modo que o homem tem a capacidade de desejar e amar a beleza de uma só pessoa, ele também tem, igualmente, a capacidade de desejar e amar a beleza de vários corpos, passando pelo amor da própria beleza até alcançar o amor da beleza da alma virtuosa. O amor, aqui, representa um caminho a ser percorrido para se alcançar o sentimento amoroso pelas ações virtuosas até chegar ao amor da mais pura e absoluta beleza. Essa é uma das formas de amor descritas por Platão que, porém, não se conhece desde Provença. Em toda sociedade que se tem conhecimento, independente da época que surgiu e a sua duração, sempre existiu a atração erótica por uma só única pessoa e a ideia de amor manifesta-se, somente, onde se encontram características morais, sociais e intelectuais.

Porém, na sociedade clássica, o erotismo e o sentimento amoroso não eram vistos como conceitos dissociados, e sim como conceitos que existiam juntos, um no outro, e, por isso, nos poemas gregos, o amor era representado de uma forma mais erótica. O poema *A Feiticeira*, escrito por Teócrito, apresenta a história de uma amante abandonada e foi o primeiro poema amoroso em que se tem a representação do amor e do ódio e do ressentimento e do desejo combinados. O conceito de amor presente e abordado nesta obra já está distante do conceito representado pelo amor platônico.

“Entre o que desejamos e o que estimamos há um abismo; amamos aquilo que não estimamos e desejamos estar para sempre com uma pessoa que nos faz infelizes. No amor aparece o mal: é uma sedução malsã que nos atrai e nos vence” (PAZ, 1999, p.53).

A história de amor do Ocidente teve início nas cidades antigas de Alexandria e Roma, onde os jovens poetas reuniam-se em grupos para obter prestígio no meio literário e entre esses jovens estava o poeta Catulo. Em seus poemas amorosos, estão presentes de uma forma intensa os opostos do amor e do ódio, o desejo e o desprezo, e, também, nota-se os três elementos que compõem o amor moderno: “a escolha, a liberdade dos amantes; o desafio, o amor como uma transgressão; e, finalmente, o ciúme” (PAZ, 1999, p. 56). Catulo foi o primeiro poeta a analisar o ciúme no âmbito imaginário e psicológico e, por isso, o poeta tem grande importância para a história do amor.

Propércio, além de Catulo, foi um poeta que abordou em seus poemas os elementos mais sombrios do sentimento amoroso e trouxe para os seus versos uma grande modernidade que se tornou referência para a história da poesia amorosa, pois além de mostrar as alegrias desse sentimento também mostra a realidade do que o amor pode causar não só pelo seu lado bom, mas também pelo seu lado mais sombrio.

Na Antiguidade Clássica, era comum que os poemas demonstrassem uma paixão mais dolorosa, porém que, mesmo assim, merecia ser vivida já que o sentimento amoroso, de acordo com os poetas romanos e alexandrinos, é uma solução para a busca do desejo de sentir-se completo. Contudo, a literatura greco-romana também era composta por poemas que mostravam e celebravam o amor, nos quais ganhavam destaque os temas eróticos principalmente aqueles da época helênica. Na Comédia Nova, que durou do ano 330 a. C. ao início do século III d. C., que tinha como objetivo representar personagens da burguesia incluindo o elemento sentimental e que deu início à comédia que esteve presente em todo o classicismo europeu, a trama do sentimento amoroso era de um jovem que tinha um amor impossível se concretizar, mas que, ao final, ocorria algo surpreendente que o permitia ficar junto de sua amada. Outro tema bastante presente na literatura do amor na Antiguidade era o exotismo, no qual um casal era separado pela distância, mas que, ao final, conseguia ficar junto.

A paixão amorosa foi muito reprovada por vários filósofos da sociedade clássica, dois deles sendo Platão e Epicuro. O primeiro, em sua obra *Fedro*, considera esse sentimento um delírio e, para o segundo, o amor tornou-se uma ameaça à serenidade da alma (Paz, 1999, p. 66). Todavia, os poetas alexandrinos consideravam que esse sentimento devia ser exaltado sem ignorar, porém, os problemas que viriam com este. Tal mudança ocorreu devido ao declínio das democracias e ao surgimento das monarquias, no qual ser livre de forma individual era mais importante do que ser livre politicamente. Essa revolução de pensamentos atinge, principalmente, a vida das mulheres dessas sociedades que passaram a ter mais autonomia e liberdade para tomar decisões que diziam respeito as suas próprias vidas. A visão sobre a instituição do casamento também sofreu uma mudança em que este deixou de ser um contrato entre famílias e passou a ser uma decisão na qual a opinião dos noivos é de extrema importância. De acordo com Paz (1999), todas essas mudanças provam que para o amor conseguir emergir na sociedade, a mulher deve ser elevada, pois com essa liberdade elas acabaram se tornando heroínas dos poemas amorosos e eróticos. “Não há amor sem liberdade feminina” (PAZ, 1999, p. 66).

Todos os acontecimentos que ocorreram na sociedade clássica e todos os poetas do período alexandrino e romano pertencem ao que Paz (1999) chamou de pré-história do amor, na qual era enaltecida, por esses poetas, uma paixão condenada pela filosofia clássica como um ato de servidão e porque representou um desafio à sociedade da época em nome da paixão individual.

“Os poetas também poderiam ter dito que o amor nasce de uma atração involuntária que nosso livre-arbítrio transforma numa ação voluntária. Este último é sua condição necessária, o ato que transforma a servidão em liberdade” (PAZ, 1999, p. 68).

Diferentemente da Antiguidade Clássica, na França do século XII, o amor surgiu como um ideal de vida considerado superior e não como, segundo Platão, um delírio. O amor cortês nasceu em consequência de um grupo de poetas que pertenciam à nobreza feudal do Sul da antiga Gália como uma reação contra os costumes feudais, principalmente contra a instituição do casamento que era um contrato comercial com o objetivo de enriquecer os senhores feudais. O século do surgimento do amor cortês foi marcado não somente com o nascimento da Europa, mas também pela criação da ideia de amor como forma de vida e da poesia lírica. Apesar de ter surgido em uma sociedade que vivia a religiosidade cristã, o amor cortês divergia muito com ensinamentos impostos pela Igreja Católica e esta acabava por reprovar aquilo que era dito pelos poetas desta lírica.

A ideia de amor do século XII foi chamada, pelos poetas, de *fin'amors* que significa amor purificado e o termo amor cortês foi utilizado para representar a diferença entre *corte* e *villa*, no qual o amor *villano* simbolizava a copulação e a procriação e o amor *cortês* simbolizava um sentimento sublime que era particular das cortes senhoriais. Os poemas criados por esses poetas ficaram conhecidos como poemas provençais, pois durante os séculos XI e XII, as poesias que existiam pertenciam à região de *Languedoc* e o poeta não tinha outra opção a não ser, ser trovador e, por isso, era obrigado a saber o provençal que era considerada a língua dos trovadores. Esses poemas possuíam três características principais em sua composição: o tema principal era o amor; o sentimento amoroso era presente entre um homem e uma mulher; e os poemas começaram a ser escritos em língua vulgar, deixando de ser escritos somente em latim, pois os poetas “queriam ser entendidos pelas damas” (PAZ, 1999, p. 71). Os poetas do amor cortês acabaram por criar códigos de amor que ainda se encontram presentes na literatura e que, também, deram as formas básicas para a lírica do Ocidente.

No século XII, a Europa viveu um grande crescimento no comércio o que possibilitou contato com o Oriente, que se ampliou com as cruzadas, e, devido a este contato, os europeus acabaram redescobrimo, através da cultura árabe, a ciência e a medicina greco-romana e o filósofo Aristóteles. Esses fatos possibilitaram o surgimento do amor cortês no continente europeu.

A influência árabe foi tão importante que, além de retomar alguns conceitos aristotélicos e, também, platônicos, os poetas provençais adotaram o costume árabe de colocar a mulher como senhora e o homem como servo, até então uma forma completamente diferente daquela usada na literatura ocidental, e as duas formas poéticas populares árabe-andaluzas, o *zéjel* e a *jarcha*. A primeira foi uma literatura criada na qual os poemas eram escritos na língua andaluza com o objetivo de representar a diversidade cultural encontrada nesta sociedade e sua principal característica era o aumento das rimas e o encurtamento dos poemas; a segunda, também conhecida como *kharjal*, acontecia quando os dois últimos hemistíquios eram formados por versos escritos no dialeto andaluz enquanto todo o resto do poema era escrito em árabe clássico.

O erotismo no mundo árabe tem a ideia platônica de amor como base que, porém, é alterada pela teologia islâmica que dizia que o amor era um sentimento sublime e a castidade e os amores castos são exaltados e para a ortodoxia islâmica, a união com Deus era considerada uma heresia. Todavia, a mística ‘sufi’, pertencente ao sufismo, que teve início no século VIII com o objetivo de combater o movimento materialista e a riqueza da sociedade mulçumana e que era considerado como o caminho espiritual que levava seus seguidores ao conhecimento divino, pregava a união amorosa com Deus através da relação sexual com a mulher. Assim como Platão, o filósofo e poeta árabe Ibn Hazm acreditava que o sentimento amoroso surgia quando se encontrava a beleza física e, além disso, ele aborda em sua obra *O colar da pomba*, a ideia da escala do amor que começa no físico e alcança o espiritual (PAZ, 1999).

A escala do amor apresentada por Ibn Hazm, possui, de acordo com Paz, dois pensamentos: o de subida e o de iniciação. O primeiro pensamento apresenta o amor como uma ascensão em que ocorre uma mudança de estado: os amantes transcendem e são transferidos para um outro mundo; e o segundo pensamento apresenta os amantes conhecendo uma realidade escondida em que possuem um entendimento no qual o que o compreende e admira é o coração e não o olho do intelecto diferentemente do que diz Platão.

A influência da literatura amorosa árabe sobre a literatura do amor cortês fica mais esclarecida quando se observa as duas literaturas, isto porque estas compartilham as características da escala do amor, o sentimento amoroso é exclusivamente humano, a presença do culto à beleza física, o elogio à castidade, a visão do amor como uma “revelação de uma realidade transumana” (PAZ, 1999, p. 77) e, em nenhuma dessas literaturas, o amor deve ser considerado um caminho para chegar até Deus.

Além da literatura árabe, de acordo com Denis de Rougemont, em sua obra *História do Amor no Ocidente*, o amor cortês pode ter sido influenciado, também, pela religião tântrica que se difundiu, no século VI, em toda a Índia. A religião tântrica, assim como a literatura trovadoresca, tem como principal objeto de adoração a figura da mulher que é considerada um caminho para a salvação. O tantrismo celebrava a prática do amor sem o verdadeiramente praticar, a busca pela exaltação mística através de uma *Ela* a qual se deve servir de forma humilhada, “mas guardando esse domínio de si cuja perda se poderia traduzir num ato de procriação que levaria o cavaleiro servidor a recair na realidade fatal do carma” (ROUGEMONT, 2003, p. 166)

Porém, o amor cortês não sofreu influências somente da sociedade árabe, mas também, da sociedade o qual era contemporâneo, a sociedade feudal europeia. Desse contexto, o movimento trovadoresco assimilou, em seus poemas, o conceito da vassalagem amorosa. Este serviço aparecia em dois períodos da poesia provençal e possuía como etapas a admiração do rosto e do corpo da amada e a troca de poemas, signos e entrevistas. No primeiro período, as etapas terminavam em relações carnavais para representar o amor, pois as poesias eram escritas por senhores para as suas damas. No segundo período, as poesias começaram a ser escritas por poetas profissionais que viviam dos seus poemas e isto fez a ficção do ser servo da mulher amada se tornar representação da realidade social do feudalismo, já que os poetas pertenciam às classes inferiores enquanto as damas as quais eram direcionados os poemas pertenciam às classes superiores.

Rougemont explica o processo da vassalagem amorosa, também conhecido como *donmei* ou *donnot*:

“O poeta conquistou sua *dama* pela beleza de sua homenagem musical. De joelhos, jura eterna fidelidade, tal como se faz a um suserano. Como garantia de amor, a dama oferecia ao seu paladino-poeta um anel de ouro, ordenava-lhe que se levantasse e beijava-lhe a fronte. Doravante, esses amantes estarão unidos pelas leis da *cortesia*: o segredo, a paciência, a moderação, que [...] não são exatamente sinônimos de castidade, mas de retenção... E, sobretudo, o homem será o *servo* da mulher” (ROUGEMONT, 2003, p. 103).

Além de desempenhar uma função social, os poemas escritos no segundo período da poesia provençal eram feitos para uma classe social particular e limitada e expressavam sentimentos vividos pelos senhores, pelas damas e pelos clérigos pertencentes à corte feudal. Assim como no primeiro período, o segundo período também tinha as suas etapas: o pretendente, a súplica e o aceite. Contudo, existia ainda uma quarta etapa: o amante carnal. A ideia da existência desta quarta etapa não era aceita por muitos trovadores, pois acreditava-se que a consumação do ato sexual acabaria com o desejo e o amor e, além disso, existia a distância social entre as damas e os trovadores, que passaram a escrever os poemas, impossibilitando a consumação do ato.

Através do serviço de amante presente nos poemas provençais, no qual o homem torna-se o servo de sua amada, os poetas do amor cortês conseguem elevar a condição da mulher na sociedade europeia. Isto foi capaz, pois nos poemas as mulheres saem da condição de submissão e passam para a condição de senhora que exerce poder sobre o homem e, ao mesmo tempo, retomam o controle sobre os próprios corpos, deixando de ser somente servas das obrigações que deveriam cumprir em seus casamentos as quais eram impostas e passam a ser reconhecidas como pessoas que possuem os seus próprios pensamentos e vontades.

Como já exposto acima, apesar de ter surgido em uma sociedade religiosa cristã, o amor cortês divergia com a Igreja Católica e, por causa disso, era condenado por esta. Para a religião cristã, o amor é um sentimento que propaga coisas boas e transformador. Diferentemente do amor platônico, uma das influências para o amor cortês, que tinha como objetivo levar o homem a alcançar o divino com a finalidade da fusão do primeiro neste, na religião cristã, por conta do sacrifício de Jesus Cristo que morreu em amor pela humanidade, o sentimento amoroso torna-se um meio de salvação, em que a pessoa deve morrer em si mesma para renascer no amor cristão e ser salva. Segundo Rougemont, “amar torna-se agora uma ação positiva, uma ação transformadora. [...] O amor cristão é a obediência no presente. Porque amar a Deus é obedecer a Deus, que nos ordenou amarmos uns aos outros” (ROUGEMONT, 2003, p. 92) e esse amor “concebido à imagem do amor de Cristo por sua Igreja (Efésios, V, 25), pode ser verdadeiramente recíproco. Isso porque ele ama o outro tal como ele é – em vez de amar a ideia do amor ou seu mortal e delicioso ardor” (ROUGEMONT, 2003, p. 93).

Outro ponto de divergência era o casamento. Por ser um dos sacramentos estabelecidos por Jesus Cristo, o casamento era visto, para o cristianismo, como sagrado e ir

contra este sacramento, e todos os outros, representava uma heresia. Já para o amor cortês, o casamento deveria ser condenado por ser um modo de subjugar a mulher, já que esta não tinha o poder da escolha para escolher o seu companheiro e acabava contraindo o matrimônio como se este fosse um contrato comercial e não por amor. Por isso, para o amor cortês, a relação fora do casamento era considerada sagrada, pois era uma forma de relacionar-se com alguém que se ama verdadeiramente e que possibilitava a elevação espiritual dos amantes através deste amor. Todavia, assim como a Igreja, o amor cortês condenava as relações extraconjugais se estas não fossem movidas pelo sentimento amoroso.

Simultaneamente ao desenvolvimento do amor cortês no século XII e no sul da França, ocorreu o desenvolvimento e a expansão da religião cátara. O catarismo pregava o dualismo da existência heterogênea do bem e do mal que eram vistos como dois mundos e duas criações diferentes e, para os cátaros, Deus é amor e, por isso, não poderia ter criado o nosso mundo, pois este é repleto de pecado e maldade. De acordo com Rougemont, o movimento literário do amor cortês e o catarismo estão diretamente ligados por terem se desenvolvido e expandido, concomitantemente, na mesma época e no mesmo lugar. Tanto o amor cortês quanto a religião cátara celebram a ideia platônica do princípio feminino, a dama dos pensamentos e o culto do amor contra o casamento.

O fim da cultura do amor cortês ocorreu, simultaneamente, com o fim da sociedade provençal, já que foi ali que esta cultura nasceu. Porém, antes do seu término, a poesia do amor cortês expandiu-se por todo o território europeu e a cultura da cortesia tornou-se um ideal de vida, sendo um pouco modificada pelas lendas celtas do ciclo arturiano, que era um conjunto de narrativas posteriores aos poemas provençais e que começava como um romance de cavalaria e era finalizado como uma narrativa mística em que a figura central era o rei Artur. Até o seu fim, os poetas do amor cortês foram influenciados pela erótica árabe e pelo poeta Ibn Hazm e acreditaram que o amor era fruto de uma sociedade requintada, tendo como objetivo a *joi d'amors*, ou alegria de amor, que apresenta uma variação no seu sentido de acordo com a época e com o autor e o tom de seu poema. Tem como significado principal ser um estado de euforia causado pela mulher amada e, em algumas situações é considerado somente um flerte. O seu significado varia entre o “prazer de estar apaixonado e vontade de eternizar o desejo” (ROUGEMONT, 2003, p. 490).

A literatura do amor cortês teve uma grande influência sobre vários poetas em toda a Europa, nos quais estão Dante e Petrarca. No primeiro poeta, encontra-se tal influência em

uma passagem do *Inferno*, da *Divina Commedia*, na qual aparece Paolo e Francesca. Neste episódio, nota-se dois momentos em que o poeta faz uma referência ao amor cortês: o primeiro ocorre quando o mestre de Dante, Guido Guinizelli, faz a sua aparição na obra; o segundo acontece quando Francesca repete algumas palavras ditas por André, o Capelão. Nestes dois momentos, Dante tenta unir a teologia à poesia e, assim como os poetas do *dolce stil nuovo*, tinha uma admiração pelos poetas provençais. O *dolce stil nuovo* dá um outro significado à linguagem simbólica usada pelos trovadores. Os poetas desse movimento cantavam a figura da mulher de uma forma mais sincera e calorosa, mas, ao mesmo tempo deixavam, claro que a mulher era puramente simbólica e esta era a novidade deste movimento literário.

“A história do *amor cortês*, suas mudanças e metamorfoses, não é só a de nossa arte e literatura: é a história de nossa sensibilidade e dos mitos que incendiaram muitas imaginações desde o século XII até nossos dias. A história da civilização do Ocidente.” (PAZ, 1999, p. 91).

Toda a construção da ideia do amor no Ocidente e a sua literatura, desde a Antiguidade Clássica, com Platão, até o amor cortês, com os poetas provençais, influenciaram no modo como Dante criou a imagem do amor e como ele a retratou em sua obra *Vita Nuova*. E é essa representação que será objeto de análise da próxima seção.

3.2 – A FIGURA DO AMOR EM *VITA NUOVA*

O livro *Vita Nuova* traz uma nova visão e reflexão ao tema do amor na Idade Média. A obra narra o amor de Dante por Beatriz, exemplificando como o amor, na época medieval, era tratado e, além disso, é possível perceber elementos que abarcam o amor divino que foi muito refletido pelos teólogos. A *Vita Nuova*, além de conter elementos que pertencem ao *amor cortês*, relata uma experiência amorosa que apresenta uma nova forma de tratar e viver o amor na representação literária, ultrapassando os conceitos e os poetas do *amor cortês*.

O amor presente na narração de *Vita Nuova* se dá em três momentos: o da saudação, em que Dante ama Beatriz e deseja que a sua amada faça uma saudação a ele; a louvação em que Dante expressa seu amor louvando Beatriz; e a contemplação de Deus em que o amor pela amada se transforma no amor a Deus, já que Beatriz encontra-se ao lado Deste.

A forma de amar narrada por Dante, no momento da saudação, é um amor de amizade, uma vez que o poeta não ama com o objetivo de ser feliz, porém é feliz porque ama Beatriz. São Tomás de Aquino (2003, p. 341 e 342), citado por Silva (2009, p. 90), apresenta essa forma de amor, a *amicitia*. Baseando-se na definição de amor de Aristóteles, em que amar é querer o bem do outro, o de louvação, conforme S. Tomás o define, apresenta dois tipos de amor, o amor de amizade e o amor de concupiscência. O primeiro amor ocorre em função do alguém que se quer o bem, em que esse alguém é amado por si mesmo de uma maneira plena e livre. Já o segundo amor ocorre quando se ama esse alguém pelo bem que ele consegue acarretar na outra pessoa que ama e, por isso, dele faz parte o egoísmo e o desejo de posse.

O amor de amizade, que é um amor humano, vai se transformando no decorrer da narração e ganha características de um amor divino se tornando espiritualizado a partir do momento da louvação.

“Para Dante amar Beatriz deixou de ser um amor que busca a recompensa da saudação, [...]; é um amor que se desenvolve no interior do sujeito, que no seu interior encontra o seu apagamento uma vez que o louvor da dama é razão suficiente de felicidade do amante: é um amor condicionado, um amor que já não é amor mas caritas e é este amor por Beatriz que o fará elevar o seu pensamento para Além da esfera que mais larga gira até ao Empíreo onde está a Bem-aventurada Beatriz, que já não é um amor humano mas um amor divino que termina a obra”. (SILVA, 2009, p. 91).

O louvor feito à Beatriz, durante toda a obra, vai além da beleza física e se mostra como um louvor aos atributos morais e éticos da amada, mostrando ao leitor a sua dignidade e o quanto esta é enaltecida como pessoa que é amada. Por conseguinte, o amor aqui narrado por Dante pode ser caracterizado como um amor ordenado, já que Beatriz é o sujeito amado e que merece esse amor. Santo Agostinho, citado por Silva (2009, p. 92, apud Arendt, 1997, p. 58 e 59), foi o primeiro a abordar o assunto do amor ordenado e, para ele, ter um amor que siga esses princípios é admirar o verdadeiro valor das coisas, pois só se ama as coisas que devem ser realmente amadas, tirando do foco aquelas que não devem ser. O conceito do amor ordenado supõe que exista uma ordem ontológica presente nos objetos do amor e, também, uma análise do valor desses objetos do amor. Ambas pregam que o homem deve organizar esses objetos e avaliar o valor de cada um considerando o amor sentido. Segundo Santo Agostinho, Deus está acima do sujeito e deve ser amado; existe o próximo, que está no mesmo nível do sujeito; e existe o corpo que está abaixo do sujeito e é o grau mais baixo do amor.

Pode-se também caracterizar esse amor como um *amor discretus* que é um amor regido pela faculdade da razão. De acordo com as reflexões realizadas pelos teólogos medievais, o amar alguém ou algo deve ser um ato acompanhado pela razão e discernimento, chamado por eles de *amor discretus*. Todavia, segundo esses mesmos teólogos, nem todas as coisas devem ser amadas e, das que devem ser, algumas merecem mais valor do que outras. Esse amor, que vem acompanhado por uma ordenação, foi chamado por eles de *ordinata dilectio*. Esses dois conceitos são apresentados pelos teólogos como princípios que fazem o amor do homem ser bem exercido, mesmo quando esse amor é voltado tanto para outra pessoa quanto para Deus.

Para Dante, assim como para os teólogos medievais, o amor deve vir acompanhado da razão e, durante a leitura da *Vita Nuova*, observa-se que o amor de Dante por Beatriz vem acompanhado da razão. Porém, o poeta também ilustra um amor em função do desejo quando ele narra o desejo sentido por uma jovem dama que se apieda do seu sofrimento um ano após a morte de Beatriz e, durante a narração, percebe-se que o próprio poeta desaprova esse tipo de amor, pois ele o afasta do verdadeiro amor, o amor regido pela razão.

“E molte volte pensava più amorosamente, tanto che lo cuore consentiva in lui, cioè nel suo ragionare. E quando io aveva consentito ciò, e io mi ripensava sì come da la ragione mosso e dicea fra me medesimo: ‘Deo, che pensiero è questo, che in così vile modo vuole consolare me e non mi lascia quasi altro pensare?’”⁵ (DANTE, 2010, cap. XXXVIII, p. 116).

“[...] Allora cominciai a pensare di lei; e ricordandomi di lei secondo l’ordine del tempo passato, lo mio cuore cominciò dolorosamente a pentere de lo desiderio a cui sì vilmente s’aveva lasciato possedere alquanti die contra la costanzia de la ragione [...]”⁶ (DANTE, 2010, cap. XXXIX, p. 118).

Continuando a observar como a figura do amor é descrita na *Vita Nuova*, encontra-se uma relação entre esta figura e os graus do amor estudados pelos teólogos medievais. Em um ambiente em que foram produzidas muitas obras abordando a questão do amor, os teólogos se preocuparam em abordar a relação entre o amor humano e o amor divino e a questão de que seria possível o primeiro amor, considerado um amor pecador, evoluir e se transformar em um amor divino. De acordo com Guilherme de S. Thierry, citado por Silva (2009, p. 26 apud

⁵ “E muitas vezes pensava mais amorosamente, tanto quanto o coração nisso consentia, isto é, no seu razoar. E quando eu havia consentido nisso, logo me repensava tal como pela razão movido, e dizia para mim mesmo: ‘Deus, que pensamento é este, que em modo assim tão vil quer consolar-me e não me deixa quase outro pensar?’” (tradução de Jorge Vaz de Carvalho).

⁶ “Então comecei a pensar nela; e recordando-me dela segundo a ordem do tempo passado, o meu coração começou dolorosamente a arrepender-se do desejo de que tão vilmente se havia deixado possuir uns quantos dias contra a constância da razão” (tradução de Jorge Vaz de Carvalho).

Imbach, Ruedi e Atucha, 2006, p. 33 e 34), não pode existir uma oposição entre o amor humano e o amor divino, já que o amor sentido pelo homem se origina de algo divino e, para ele, entre esses dois amores existe uma continuidade. Nessa continuidade, está presente um processo de purificação da alma, pois o amor colocado nesta por Deus acaba se desvirtuando pela influência do pecado e, por isso, esse amor precisa ser educado e purificado por meio da aprendizagem da alma que torna possível a evolução do homem até que alcance o amor divino.

De acordo com Bernardo Claraval (1993, p. 23-25), citado por Silva (2009, p. 28), o amor faz parte das quatro afeições naturais da alma e deve ser um meio para amar Deus. Porém, segundo o autor, a natureza humana tende a amar a si próprio antes de amar a Deus e para que o homem possa ser conduzido ao amor de Deus e deste amor a Deus, ele deve passar por um processo formado por quatro graus. Segundo Silva, que retoma o autor para explicar o egoísmo, este sentimento está presente na natureza humana e, ao invés de ser renunciado, ele é incorporado ao caminho que o homem tem que seguir para alcançar o amor de Deus. Portanto, o primeiro grau do amor, designado como amor carnal por Clavaval, é formado pelo amor egoísta, o amor do homem para consigo mesmo, contudo, mesmo nesse estado de egoísmo, esse amor se altera e o homem é introduzido ao amor ao próximo e, com isso, esse amor começa a se transformar no amor a Deus. O segundo grau constitui no amor a Deus por si mesmo, já que Ele oferece a salvação da alma humana; o terceiro grau surge quando o homem reconhece a bondade de Deus e passa a amá-Lo, não para a sua salvação, mas por Ele em si; no quarto grau o homem ama a si mesmo, não pelo egoísmo, mas porque é a vontade de Deus.

A relação de amor presente na *Vita Nuova* pode ser associada à essa descrição, pois é um amor que se transforma de um amor humano para um amor divino. A obra contém três momentos diferentes do amor e, para cada um deles, é designado um grau do amor. O primeiro momento, a saudação, que constitui o primeiro grau do amor, apresenta um amor humano, em que o poeta descreve os efeitos causados em si pela visão de Beatriz e vive esse amor como uma paixão; o segundo grau, a louvação, o amor humano do primeiro momento vai se transformando em um sentimento que é vivenciado, pelo poeta, no seu íntimo, ganhando características mais espirituais, juntamente com Beatriz que, nesse momento, obtém um caráter mais virtuoso; e o terceiro grau do amor, presente no terceiro momento da obra, a contemplação, ocorre depois da morte de Beatriz em que o amor, já espiritualizado, torna-se um caminho para o poeta ascender ao céu e que o leva até Deus.

“O amor que lhe é dedicado por um mortal não é, por isso um amor divino, é um amor humano, que não termina com a morte do ser amado e que por esta razão, permanecendo sempre na sua humanidade, vai permitir ao ser que ama ascender até Deus. Do que *Vita Nuova* trata é do amor de um homem a uma mulher que é capaz de conduzir aquele até Deus” (SILVA, 2009, p. 99).

Como já exposto, a imagem de Beatriz é contemplada além do físico e aparece como uma forma de exaltação espiritualizada, mesmo até depois da sua morte. Essa admiração pela amada, aquela espiritualizada, propicia o nascimento do amor de Dante por Beatriz, que através de um processo de espiritualização, se torna um aprofundamento pessoal. No capítulo III, Dante narra o seu segundo encontro com Beatriz contado por ele em um estado de felicidade, pois era o seu desejo revê-la desde o seu primeiro encontro ocorrido nove anos antes. Através disso, podemos encontrar de maneira implícita, na obra, o amor como desejo que aparece relacionado ao prazer.

“Poi che fuoro passati tanti die, che appunto erano compiuti li nove anni appresso l'apparimento soprascritto di questa gentilissima, ne l'ultimo di questi die avvenne che questa mirabile donna apparve a me vestita di colore bianchissimo, in mezzo a due gentili donne, le quali era di più lunga etade; e passando per una via, volse li occhi verso quella parte ov'io era molto pauroso, e per la sua ineffabile cortesia, la quale è oggi meritata nel grande secolo, mi salutoe molto virtuosamente, tanto che me parve allora vedere tutti li termini de la beatitudine. L'ora che lo suo dolcissimo salutare mi giunse, era fermamente nona di quello giorno; e però che quella fu la prima volta che sue parole si mossero per venire a li miei orecchi, presi tanta dolcezza, che come inebriato mi partio da le genti, e ricorsi a lo solingo luogo d'una mia camera, e puosimi a pensare di questa cortesissima”⁷ (ALIGHIERI, 2010, p. 20)

Ainda no capítulo III, Dante narra um sonho que tem logo após o seu segundo encontro com Beatriz, sonho que ele teve depois de ter ganhado uma saudação da sua amada.

“E pensando di lei, mi sopragiunse uno soave sonno, ne lo quale m'apparve una meravigliosa visione, che me pareva vedere ne la mia camera una nebula di colore di fuoco, dentro a la quale io discerneva una figura d'uno signore di pauroso aspetto a chi la guardasse; e pareami con tanta letizia, quanto a sè, che mirabile cosa era; e ne le sua parole dicea molte cose, le quali io non intendea se non poche; tra le quali intendea questa: 'Ego dominus tuus'. Ne le sue braccia mi

⁷ “Depois que foram passados tantos dias, que precisamente se cumpriram os nove anos sobre o aparecimento desta gentilíssima acima escrito, no último destes dias sucedeu que esta admirável dama me apareceu vestida de cor branquíssima, no meio de duas gentis damas, as quais eram de mais comprida idade; e passando por uma via, volveu os olhos para aquela parte onde eu estava muito temeroso, e pela sua inefável cortesia, que é hoje recompensada no grande século, saudou-me muito virtuosamente, tanto que me pareceu ver então todos términos da beatitude. A hora em que sua dulcíssima saudação me chegou era seguramente a nona daquele dia; e posto que aquela foi a primeira vez em que suas palavras se moveram para vir aos meus ouvidos, colhi tanta doçura, que como inebriado me aparteí das gentes, e recorri ao solitário lugar de uma minha câmara, e pus-me a pensar nesta cortesíssima” (tradução de Jorge Vaz de Carvalho).

parea vedere una persina dormire nuda, salvo che involta mi pareia in uno drappo sanguigno leggermente; la quale io riguardando molto intentivamente, conobbi ch'era la donna de la salute, la quale m'avea lo giorno dinanzi degnato di salutare. E ne l'una de le mani mi pareia che questi tenesse una cosa, la quale ardesse tutta; e pareami che mi dicesse queste parole: 'Vide cor tuum'. E quando elli era stato alquanto, pareami che disvegliasse questa che dormia; e tanto si sforzava per suo ingegno, che la facea mangiare questa cosa che in mano li ardea, la quale ella mangiava dubitosamente. Appresso ciò poco dimorava che la sua letizia si convertia in amarissimo pianto; e così piangendo, si ricogliea questa donna ne le sue braccia, e con essa me pareia che si ne gisse verso lo cielo"⁸ (DANTE, 2010, cap. III, p. 21 e 22).

O sonho narrado por Dante no capítulo III é uma reação causada no poeta pelo segundo encontro com Beatriz. Nesse sonho, a figura do Amor, aqui representada pela figura do senhor, começa impondo o seu domínio sobre Dante, que o influenciará durante toda a narrativa da obra, e carrega, em seu colo, uma Beatriz nua que porta, em suas mãos, o coração de Dante e que, momentos depois, começa a comê-lo, sendo esta uma representação da entrega da alma do poeta à sua amada. Segundo Templer, este momento descrito na obra de Dante representa "l'imporsi di Amore al di là del controllo della ragione, e quindi l'affermarsi di Amore come passione" (TEMPLER, 1974, p. 24).

Durante toda a narração presente na obra, podemos encontrar a presença do amor que Dante sente por Beatriz e a personificação deste. Porém, apesar de ter sido tratado como um ser corpóreo, no capítulo XXV, Dante aborda o Amor como uma substância inteligente que não pode existir por si só como um ser humano, pois é um sentimento que nasce no homem como um acidente sem que este esteja esperando ou preparado para tal coisa e depende do deste e da visão da pessoa amada para existir e, de acordo com Octavio Paz (1999, p. 76), essa seria uma influência do poeta árabe Ibn Hazm que, no primeiro capítulo de sua obra *O colar da pomba*, aborda o mesmo conceito: "o amor, em si mesmo, é um acidente e não pode, portanto, ser suporte para outros acidentes" (HAZM, apud in Paz, 1999, p.76).

⁸ E pensando nela, sobreveio-me um suave sono, no qual me apareceu uma maravilhosa visão: que me parecia ver na minha câmara uma nuvem cor da cor de fogo, dentro da qual eu discernia uma figura de um senhor de temeroso aspecto para quem a olhasse; e parecia-me conter em si tanta letícia, que era coisa admirável; e nas suas palavras dizia muitas coisas, das quais eu não entendia senão poucas; entre as quais entendias estas: 'Eu sou o teu senhor'. Nos seus braços parecia-me ver uma pessoa a dormir nua, salvo que envolta me parecia um pano sanguíneo ligeiramente; a qual, eu observando muito atentamente, reconheci que era a dama da saúde, a qual no dia anterior se tinha dignado saudar-me. E numa das mãos parecia-me que este tivesse uma coisa que ardesse toda, e parecia que me dissesse estas palavras: 'Vê o teu coração'. E depois de ele ter estado um tanto, parecia-me que despertasse esta que dormia; e tanto se esforçava no seu engenho, que a fazia comer aquela coisa que na mão lhe ardia, a qual ela comia duvidosamente. Depois disto, pouco demorou para que a sua letícia se convertesse em amaríssimo pranto; e assim chorando, recolhia esta dama nos seus braços e com ela me parecia que se dirigisse para o céu" (tradução de Jorge Vaz de Carvalho).

“Potrebbe qui dubitare persona degna da dichiararle onne dubitazione, e dubitare potrebbe di ciò, che io dico d’Amore come se fosse una cosa per sé, e non solamente sustanzia intelligente ma sì come fosse sustanzia corporale: la quale cosa, secondo la veritate, è falsa; ché Amore non è per sé sì come sustanzia, ma è uno accidente in sustanzia”⁹ (DANTE, 2010, cap. XXV, p. 85 e 86).

Feita a análise do percurso narrativo na obra *Vita Nuova*, percebe-se uma ressignificação do sentimento amoroso de Dante por Beatriz, passando de um amor considerado humano e terreno para um amor ligado ao divino. A transformação deste sentimento amoroso exposta por Dante, em seu livro, está diretamente relacionada à evolução do seu percurso como poeta que, no início da obra, é caracterizado pelo movimento literário do amor cortês que, porém, durante a narrativa, transita para o movimento do *dolce stil nuovo*.

A presença do amor cortês está presente, na obra, no momento da saudação que apresenta o amor humano que Dante sentia por Beatriz.

“Apparve vestita di nobilissimo colore, umile e onesto, sanguigno, cinta e ornata a la guisa che la sua giovanissima etade di convenia. [...] D’allora innanzi dico che Amore signoreggiò la mia anima, la quale fu sì tosto a lui dispnsata, e cominciò a prendere sopra me tanta sicurtade e tanta signoria per la vertù che li dava la mia immaginazione, che me convenia fare tutti li suoi piaceri compiutamente. Elli mi comandava molte volte che io cercasse per vedere questa angiola giovanissima”¹⁰ (ALIGHIERI, 2010, cap. II, p. 18 e 20)

Com a sua significação como poeta, Dante supera o uso das ideias do amor cortês e passa ao uso das ideias do *dolce stil nuovo* presentes, em sua obra, nos momentos da louvação e da contemplação, no qual, respectivamente, o poeta enaltece Beatriz e a apresenta como um ser divino e a exalta como tal.

“Donne ch’avete intelletto d’amore,
i’ vo’ con voi de la mia donna dire,
non perch’io creda sua laude finire,
ma ragionar per isfogar la mente.
Io dico che pensando il suo valore,
Amor sì dolce mi fa sentire,
che s’io allora non perdessi ardire,
farei parlando innamorar la gente.

⁹ “Poderia aqui duvidar pessoa digna de ser-lhe esclarecida toda a dúvida, e duvidar poderia disto, que eu digo de Amor como se fosse uma coisa por si, e não somente substância inteligente, mas tal como se fosse substância corporal: a qual coisa, segundo a verdade, é falsa; que Amor não é por si tal como substância, mas é um acidente em substância” (tradução de Jorge Vaz de Carvalho).

¹⁰ “Apareceu vestida de nobilíssima cor, humilde e honesta, sanguínea, cingida e ornada da maneira que à sua juveníssima idade convinha. [...] Daí em diante, digo que Amor se assenhoreou da minha alma, a qual tão cedo lhe foi desposada, e começou a tomar sobre minha tanta segurança e tanta senhora pela virtude que lhe dava a minha imaginação, que me cumpria satisfazer todos os seus prazeres completamente. Ele ordenava—me muitas vezes que eu procurasse ver esta jovenzinha angelical” (tradução de Jorge Vaz de Carvalho).

E io non vo' parlar sì altamente,
 ch'io divenisse per temenza vile;
 ma tratterò del suo stato gentile
 a rispetto di lei leggermente,
 donne e donzelle amorose, con vui,
 ché non è cosa da parlarne altrui.

Angelo clama in divino intelletto
 e dice: «Sire, nel mondo di vede
 meraviglia ne l'atto che procede
 d'un'anima che 'nfin quassù risplende».
 Lo cielo, che non have altro difetto
 che d'aver lei, al suo signor la chiede,
 e ciascun santo ne grida merzede.
 Sola Pietà nostra parte difende,
 ché parla Dio, che di madonna intende:
 «Diletti miei, or sofferite in pace
 che vostra spene sia quanto me piace
 là 'v' è alcun che perder le s'attende,
 e che dirà ne lo inferno: O mal nati,
 io vidi la speranza de' beati».

Madonna è disiata in sommo cielo:
 or voi di sua virtù farvi savere.
 dico, qual vuol gentil donna parere
 vada con lei, ché quando per via,
 gitta nei cor villani Amore un gelo,
 per che onne lor pensero agghiaccia e pere;
 e qual soffrisse di starla a vedere
 diverria nobil cosa, o si morria.
 E quando trova alcun che degno sia
 di veder lei, quei prova sua vertute,
 ché li avvien, ciò che li dona, in salute,
 e sì l'umilia, ch'ogni offesa oblia.
 Ancor l'ha Dio per maggior grazia dato
 che non po' mal finir chi l'ha parlato.

Dice di lei Amor: «Cosa mortale
 come esser pò sì adorna e sì pura?».
 Poi la riguarda, e fra se stesso giura
 che Dio ne 'ntenda di far cosa nova.
 Color di perle ha quasi, in forma quale
 convene a donna aver, non for misura:
 ella è quanto de ben po' far natura;
 per essempro di lei bieltà si prova.
 De li occhi suoi, come ch'ella li mova,
 escono spirti d'amore infiammati,
 che feron li occhi a qual che allor la guati,
 e passan sì che 'l cor ciascun retrova:
 voi le vedete Amor pinto nel vido,
 là 'l ve non pote alcun mirarla fiso.
 [...]”¹¹ (ALIGHIERI, 2010, cap. XIX, p. 58 e 60).

¹¹ “Damas que haveis intelecção de amor,/eu quero a vós da dama mia falar,/não porque eu cria o seu louvor esgotar,/mas discorrer p'ra aliviar a mente./Eu digo que pensando o seu valor,/Amor tão doce se me faz notar,/que então se eu não perdesse meu ousar,/falando enamorar faria a gente./E eu não quero falar tão altamente,/que me tornasse por receio vil;/mas tratarei do estado seu gentil/convosco, em seu respeito levemente./damas, donzelas amorosas, nem/é coisa que se fale com outrem./Anjo clama ao divino inteleito/e diz:

“[...] Ita n'è Beatrice in l'alto cielo,
 nel reame ove li angeli hanno pace,
 e sta con loro, e voi, donne, ha lassate:
 no la ci tolse qualità di gelo
 né di calore, come l'altre face,
 ma solo fue sua gran benignitate;
 chè luce de la sua umilitate
 passò li cieli con tanta vertte,
 che fé maravigliar l'eterno sire,
 sì che dolce disire
 lo giunse di chiamar tanta salute;
 e fella di qua giù a sé venire,
 perché vedea ch'esta vita noiosa
 non era degna di sì gentil cosa.

Partissi de la sua bella persona
 piena di grazia l'anima gentile.

Ed èsso gloriosa in loco degno [...]”¹²(ALIGHIERI, 2010, cap. XXXI, p. 100).

Além de superar a ideia de amor e as características presentes no movimento do amor cortês, Dante supera, também, o movimento do *dolce stil nuovo* pela forma como abordava e escrevia sobre o tema do amor. Em seus poemas, o poeta aprofundou-se com mais intensidade no seu sentimento amoroso por Beatriz, e acabou trazendo, para a sua narrativa, um nível maior de subjetividade daquele que estava presente nos poemas de outros poetas do movimento literário. Além disso, a forma de Dante narrar os acontecimentos em seus textos de forma completa, com noção de tudo que acontecia com ele e ao seu redor, dava a estes aspectos de visões. De acordo com Auerbach:

“[...] quando o espírito de Dante divagava, sua visão do evento em pauta é inteiriça e consistente, não tem nada de metafórica. É como se o poeta estivesse registrando um evento real em câmera lenta. [...] não é todo o espírito do

‘Senhor, no mundo tem a sede/maravilha no acto que procede/de alma que até acima cá resplende./O céu, que não contém outro defeito/que não a ter, ao seu senhor a pede/ e o santo p'la mercê todo intercede./Piedade nossa causa só defende./que fala Deus, que da mia dama entende:’Dilectos meus, sofreis agora em paz/que dure a vossa esp'rança quão me apraz/lá onde está um que a perde-la atende,/e que dirá no inferno: Ó mal natos,/eu vi a esperança dos beatos./Mia dama o sumo céu tem dela anelo:/vou dar sua virtude ora a saber./Digo, quem gentil dama quer par'cer/ com ela vá, que quando via p'la via,/lança no cor vilão Amor um gelo,/que o seu pensar esfria e faz morrer;/e aquele que a sofresse estar a ver/ficava nobre cousa, ou perecia./E quando encontra algum que haja valia/p'ra a ver, aquele prova-lhe a virtude,/que vem-lhe, o que lhe dá ela, em saúde,/e tão se humilha, que à ofensa obvia./Inda por graça mor Deus lhe doou/não poder mal findar quem lhe falou./E dela diz Amor: ‘Coisa mortal/como ser pode tão ornada e pura?’/Depois a olha, e p'ra si mesmo jura/que Deus quer obrar nela coisa nova./Cor tem de perla quase, em forma qual/convém à dama ter, não se mesura:/ela é quão pode obrar de bem natura;/beldade por exemplo seu se prova./Dos olhos, como quer que ela os mova,/saem e amor espíritos inflamados,/que ferem olhos nela então fitados,/e passam ‘té que o cor algum comova:/pintado Amor vós vedes no seu rosto,/onde olhar fixo algum pode ser posto” (tradução de Jorge Vaz de Carvalho).

¹² “Ida foi Beatriz ao alto céu,/ao reino onde os anjos têm paz,/e a vós deixando, a eles, damas, se ade:/de gelo qualidade a não moveu/nem de calor, tal como as outras faz,/mas só foi sua grã benignidade;/que a luz daquela sua humildade/passou aos céus e com tanta virtude,/que fez maravilhar o eterno ser,/tal que doce querer/lhe veio de chamar tanta saúde;/e cá de baixo a si fê-la ascender,/não era digna de tão gentil cousa./Partiu-se da sua bela pessoa/cheia de graça a alma tão gentil,/e gloriosa está em lugar digno.” (tradução de Jorge Vaz de Carvalho).

poeta que embarca nessa viagem: a parte dele permanece em baixo, à espera; é só o *sospiro*, ao qual o Amor empresta uma inteligência, se eleva e se torna *spirito*” (AUERBACH, 1997, p. 60).

A *Vita Nuova* é uma obra, que além de demonstrar a evolução do sentimento amoroso por Beatriz, apresenta a evolução de Dante como poeta. A ideia de amor do poeta, a maneira como este a narra e todas as características presentes em seus textos fazem de Dante um dos poetas que foram essenciais para a transformação da ideia de amor que se tinha na Idade Média e as influências dos teólogos medievais, dos filósofos e dos poetas clássicos e dos movimentos literários contemporâneos a Dantes fizeram das suas narrativas textos únicos e o tornaram um dos poetas mais importantes para a criação da literatura moderna.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dante é considerado um dos maiores poetas da literatura moderna devido à complexidade e à modernidade da escrita presente nos seus textos e que nenhum outro poeta conseguiu reproduzir. Foi também um importante intelectual e um político ativo na cidade de Florença. Foi autor de grandes obras como *Convivio*, *De Vulgari Eloquentia* e a aclamada *Divina Commedia*.

Vita Nuova escrito por Dante foi considerado o primeiro livro da literatura italiana, teve início depois do seu segundo encontro com Beatriz, em consequência do sonho que o poeta teve logo após a este segundo 'contato', fato que marcou sua revelação como poeta. Já a revelação do amor ocorreu um pouco mais cedo quando Dante tinha apenas nove anos e se encontrou com Beatriz pela primeira vez. A escrita da *Vita Nuova* mescla poemas e textos em prosa autobiográficos, formando o primeiro *prosimetrum* do Ocidente, que até o momento só se tinha conhecimento em produções literárias orientais. Além de ser o primeiro livro escrito por Dante, foi o primeiro livro escrito em língua vernácula, sendo considerado, portanto, o primeiro livro da literatura moderna.

Toda a obra aborda o tema do sentimento amoroso que Dante sente por Beatriz escrito com a modernidade característica de Dante, porém sem deixar de ser influenciada pela tradição da época do amor cortês e do *dolce stil nuovo*. Além de sofrer influência da cultura cortesã, o poeta é influenciado, também, por poetas orientais e por ideias pertencentes aos escritores da Antiguidade Clássica. Contudo, influenciado também por teólogos como Santo Agostinho, Dante eleva o seu sentimento amoroso e a sua amada para um plano espiritual e divino, não ficando somente na ideia de amor terreno.

Com as influências dos movimentos literários do amor cortês e do *dolce stil nuovo*, contemporâneos ao poeta, dos teólogos, filósofos e poetas clássicos e poetas árabes, Dante aborda o tema do amor, no seu primeiro livro, mostrando a transformação de um amor humano e terreno para um amor divino, no qual o poeta usa Beatriz e o seu amor por ela como um meio de se aproximar de Deus.

Na primeira seção do capítulo 2, abordou-se a vida de Dante que foi um poeta, pensador e político de grande importância para a sua época. Os estudos que o poeta teve durante a sua juventude e ao longo de sua vida foram essenciais para a criação de suas obras e

para que ele se tornasse em um dos maiores poetas da literatura. As narrativas de seus textos possuem tamanha individualidade e intensidade nunca vistas antes que, através de suas obras, Dante influencia a transformação do conceito de literatura de sua época e o nascimento da literatura moderna.

A segunda seção do capítulo 2 tem como foco a análise da obra *Vita Nuova* que foi a primeira criação de Dante e narra o amor do poeta por Beatriz. A obra tem grande importância literária, pois o poeta mesclou textos em prosa e poesias autobiográficas, uma novidade para a Idade Média, tornando-se o primeiro *prosimetrum* da literatura ocidental. Além dessa grande novidade, *Vita Nuova* foi toda escrita em língua italiana, a língua vulgar da região onde Dante vivia, e, por isso, é considerada o primeiro livro da literatura italiana e da literatura moderna.

A primeira seção do capítulo 3 abordou o nascimento da literatura do amor no Ocidente. A construção dessa literatura iniciou-se na Antiguidade Clássica e recebeu, com o passar do tempo, influências da literatura árabe e da religião cátara o que fez surgir a literatura do amor cortês. Também conhecido como literatura provençal, esse movimento literário criou uma nova ideia de amor na época medieval e uma nova lírica que foram fundamentais para a criação da literatura ocidental tal qual a conhecemos hoje e para a obra de Dante.

Na segunda seção do capítulo 3, analisou-se a forma como Dante aborda e representa a figura do amor em sua obra *Vita Nuova* e o seu sentimento por Beatriz. No seu primeiro livro, o poeta narra a evolução do seu amor pela sua amada que, durante a narrativa, deixa de ser um amor terreno e humano e se transforma em um amor divino, no qual o objeto do seu amor, Beatriz, é transformado, simultaneamente, em um ser divino e é exaltado como tal. A transformação do seu sentimento amoroso, que passa pelo amor cortês para o *dolce stil nuovo*, está diretamente ligada à transformação e evolução de Dante como poeta que, ao transitar por esses movimentos literários, os supera com uma narrativa única e particular, repleta de sua própria individualidade.

Neste contexto, conclui-se que além de ser a obra que dá início à transformação ao conceito da ideia de amor presente na Idade Média, a *Vita Nuova* é o princípio da literatura moderna, pois foi escrita em língua vernácula e mescla textos em prosa e poesia autobiográficas em toda a sua narrativa. Ademais, a obra é o início do percurso de Dante como poeta e apresenta a nós, leitores e estudiosos, a evolução traçada por este até chegar à escrita de sua obra mais e conhecida e aclamada que, ainda hoje, é fonte de inspiração para muitos artistas: *La Divina Commedia*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

- ALIGHIERI, Dante. *Vita Nuova*. Lisboa: Relógio D'Água, 2010.
- PAZ, Octavio. *A Dupla Chama: Amor e Erotismo*. [S.l.]: Siciliano, 1999.
- STERZI, Eduardo. *Por que ler Dante*. São Paulo: Editora Globo, 2008.
- SANCTIS, Francesco D. *Storia della Letteratura Italiana*. Milano: La Universale Barion, 1943.
- AUERBACH, Erich. *Dante poeta do mundo secular*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.
- CARPEAUX, Otto M. *História da Literatura Ocidental*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008.
- ROUGEMONT, Denis D. *História do Amor no Ocidente*. São Paulo: Ediouro, 2003.
- WEOR, Samael A. *Matrimônio Perfeito*. Curitiba: Edisaw, 2011.
- BAYARD, Jean-Pierre. *História das lendas*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1957.
- SILVA, Celestina M. G. E. *Reflexões sobre o amor na Vita Nuova de Dante Alighieri*. Porto: Faculdade de Letras, Universidade do Porto, 2009.
- TEMPLER, Margherita D. B. *Amore e le visioni nella Vita Nuova*. Dante Studies, with the Annual Report of the Dante Society, v. 92, p. 19-34, 1974.
- AIELLO, Naiá. *Inovações na poesia árabe: o zejel e sua influência na lírica trovadoresca medieval*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2010.
- FILHO, Mário A. D. S. *A Mística Islâmica em 'Terræ Brasilis: o Sufismo e as Ordens Sufis em São Paulo*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2012.
- PAMPALONI, Guido. *Consiglio del capitano del popolo*. 1970. Disponível em: <[http://www.treccani.it/enciclopedia/consiglio-del-capitano-del-popolo_\(Enciclopedia-Dantesca\)/>](http://www.treccani.it/enciclopedia/consiglio-del-capitano-del-popolo_(Enciclopedia-Dantesca)/>). Acesso em: 11 set. 2019.
- PAMPALONI, Guido. *Consiglio dei Cento*. 1970. Disponível em: <[http://www.treccani.it/enciclopedia/consiglio-dei-cento_\(Enciclopedia-Dantesca\)/>](http://www.treccani.it/enciclopedia/consiglio-dei-cento_(Enciclopedia-Dantesca)/>). Acesso em: 11 set. 2019.
- PAMPALONI, Guido. *Priorato*. 1970. Disponível em: <http://www.treccani.it/enciclopedia/priorato_%28Enciclopedia-Dantesca%29/>. Acesso em: 12 set. 2019.
- Commedia*. Enciclopedia online. Disponível em: <<http://www.treccani.it/enciclopedia/commedia/>>. Acesso em: 02 out. 2019.

Grecia. Enciclopedia online. Disponível em: < <http://www.treccani.it/enciclopedia/grecia/>>.
Acesso em: 02 out. 2019.